

# Por que é que, além, as estrelas são a nossa casa?

**E a estrela Sol há-de um dia, feita gigante vermelha, produzir quantidades apreciáveis de carbono e oxigénio, espalhando até algum pelas imediações. Mas, antes de sermos engolidos pelo globo solar, enorme e vermelho, teremos provavelmente, movidos não só pela curiosidade e aventura mas também e sobretudo pelo instinto de sobrevivência, estabelecido civilizações noutros lugares do nosso canto da Galáxia**

Texto do programa do mais recente espectáculo de A Escola da Noite, grupo de teatro de Coimbra - "Além as Estrelas são a Nossa Casa", de Abel Neves:

*"A origem e a evolução da vida estão ligadas, da maneira mais íntima, à origem e evolução das estrelas. Em primeiro lugar, a própria matéria de que somos feitos, os átomos que tornam a vida possível, foram gerados há muito tempo e muito longe, nas estrelas gigantes vermelhas. (...) O Sol é uma estrela de segunda ou terceira geração. Toda a matéria que ele contém, toda a matéria que vemos à nossa volta, passou já por um ou dois ciclos prévios de alquimia estelar",* Carl Sagan, "Cosmos".

Uma casa é sempre o sítio de onde se vem e para onde se vai. Se a nossa casa é o sítio de onde vimos, o astrofísico Sagan diz-nos que as estrelas são a nossa casa. E, se a casa é o sítio para onde vamos, o mesmo Sagan prevê que, daqui a milhões e milhões de anos, a nossa casa pode vir a ser uma ou mais das várias estrelas nos arredores cósmicos, espalhados como estaremos pelo impulso eternamente humano de descoberta. Os nossos átomos, os átomos do nosso corpo, tiveram de ser cozinhados no coração de uma estrela porque não há outra maneira natural de fazer, por exemplo, átomos de carbono ou de oxigénio. E a estrela Sol há-de um dia, feita gigante vermelha, produzir quantidades apreciáveis de carbono e oxigénio, espalhando até algum pelas imediações. Mas, antes de sermos engolidos pelo globo solar, enorme e vermelho, teremos provavelmente, movidos não só pela curiosidade e aventura mas também e sobretudo pelo instinto de sobrevivência, estabelecido civilizações noutros lugares do nosso canto da Galáxia (a estrela Próxima do Centauro, a próxima a seguir ao Sol, está só a quatro anos luz, portanto a apenas quatro anos de viagem à velocidade da luz). Se o Sol fosse uma estrela maior - não é, é uma estrela média, anónima, sem nada de especial que a distinga! - acabaria inexoravelmente por explodir de forma violenta, projectando parte da sua matéria para o espaço. É o que fazem todas as supernovas, foi o que fez a supernova ancestral, anterior ao Sol, onde foram cozinhados os blocos da nossa matéria orgânica ("a trampa gelatinosa que tem a mania que pensa", de que fala a terceira mulher de "Além as estrelas são a nossa casa", o "sketch" de Abel Neves que dá o nome ao conjunto).

Vimos das estrelas e regressaremos, por vontade do Sol ou por nossa própria vontade, às estrelas. Abel Neves pode, portanto, ter encontrado o seu título a ler o "Cosmos". Encontrou, decerto, o seu título a ver e a pensar o cosmos. Objectos cósmicos como a poeira vermelha de Marte de "Se eu estivesse na pele de um índio...", a constelação da "Cabeleira de Berenice", as estrelas do centro da Galáxia sentidas ou pressentidas de uma varanda em "As estrelas são a nossa casa", o planeta Saturno na ocular do telescópio e as estrelas no mapa celeste oferecido à passageira de "O eléctrico para o céu" são o "leit motiv" de algumas das pequenas peças de Neves. Nelas, homens e mulheres inquietos e desconstruídos, terrestres que "têm a mania que pensam", alimentam a esperança, ainda que vaga e inconsistente, de encontrarem uma fuga, um descanso, um sentido, numa outra casa, mais além, mais tarde.

Vivem, conversam e desconversam, na superfície do único planeta onde se sabe existir a vida, entre conversas e desconversas (portanto, o único sítio onde se sabe existir o teatro), mas anseiam por sítios mais longe, desejavelmente mais tranquilos e mais silenciosos.

"Podemos viver rente a este mundo mas respirar, verdadeiramente, só aí em cima...", diz o homem

que oferece o mapa estelar, cheio de espaço vazio, à mulher.

Vários cruzamentos entre o terrestre e o cósmico, o transiente e o eterno, o comezinho e o sublime (se quisermos, para usar uma linguagem teatral, entre o cómico e o trágico), se enredam nos curtos textos de Abel Neves. Uma dessas pontes é decerto o acaso. As coisas, aqui e além, parecem acontecer por acaso. O acaso, a desordem, a surpresa parecem presidir aos acontecimentos humanos (o acaso é o tema de "Ring the bell please", a desordem é glosada em "Um dia meteorologicamente", a surpresa surge em "Anda, vamos ver as montras") tanto quanto parecem presidir a muitos fenómenos no grande universo.

É o acaso que faz duas pessoas encontrarem-se ou desencontrarem-se, como a mulher que vai a subir para o miradouro de Santa Luzia, tanto quanto é o acaso que permitiu encontros felizes de partículas elementares no universo primitivo.

É a desordem que faz o nosso quotidiano tanto quanto é a entropia que faz o dia-a-dia da poeira galáctica.

É, finalmente, a surpresa uma marca de uma obra de arte tanto quanto foi uma marca do aparecimento da vida no sistema solar.

Por muita necessidade que o fecunde, é o acaso que surge em todas as coisas, que está na origem de todas as vidas e de todas as histórias. Mas o pensamento humano interroga-se sobre a extensão e os limites desse acaso. Para os cientistas, de que vale o acaso sem a necessidade estrita imposta pelas leis físicas? Ou, para alguns, que pode o acaso sem a ajuda de um criador? O problema é, afinal, o mesmo que Diderot e Kindera glosaram em "Jacques o Fatalista": "Está tudo escrito lá em cima"? Johannes Kepler, o grande astrónomo setecentista alemão (e, já agora, também um não desprezável astrólogo), bafejado pelo acaso, teve a sorte de ver uma supernova (chamou-lhe "Nova Stella", nova estrela). Não fazia ideia de que era uma estrela a morrer antes pensando que era uma estrela a nascer. Interrogou-se então, justamente, sobre a origem das estrelas, sobre as razões que teriam levado à reunião dos átomos num lugar particular do vasto cosmo. Argumentou que era necessário um criador. No livro "De Stella Nova" ("Da Nova Estrela"), publicado em 1606, discorreu sobre o papel do acaso na evolução estelar.

Vale a pena, seguindo o exemplo de Sagan, republicar a saborosa prosa de Kepler, num estilo que tem semelhanças com alguns dos diálogos de Neves: "Não é a minha opinião, mas a da minha mulher. Ontem, cansado de escrever, fui chamado para jantar e foi colocada à minha frente a salada que pedira. "Parece que", disse eu, "se os pratos de estanho, folhas de alface, grãos de sal, gotas de água, vinagre, azeite e rodela de ovos andassem a voar pelo ar por toda a eternidade, poderia finalmente acontecer, por acaso, que se transformassem, numa salada". "Sim", respondeu a minha querida mulher, "mas não tão boa como esta que eu fiz". Não suspeitava Kepler que ele próprio, tal como a sua amável esposa, eram uma salada de numerosíssimos átomos que, outrora, tinham saído, avulsos, do ventre de uma "estrela nova"... As estrelas tinham sido a sua casa. O teatro do cosmo é ainda mais surpreendente do que a ficção mais fantástica que nós possamos, sem a amável ajuda da ciência, imaginar.

Carlos Fialheis

Físico, Universidade de Coimbra